

## Desejo de Deus e lágrimas – uma chave de leitura monástica para textos de espiritualidade medievais

Prof. Dr. Teresa Candolo<sup>1</sup> (UNICAMP/SEE)

### Resumo:

*Na Baixa Idade Média, em ambiente monástico, floresce uma cultura específica que designamos comumente cultura monástica. Dentro desta, a partir da leitura “sagrada” das Escrituras e dos Antigos Padres do Deserto, ou seja, a cultura Patrística, surge o que atualmente denominamos “dom de lágrimas”, desenvolvido a partir justamente do penthos, conceito da Patrística Oriental. Nessa breve comunicação, exploramos o que a doutrina do “dom de lágrimas” nos oferece como interpretação enquanto chave de leitura de textos que resvalam nas fronteiras do literário e do espiritual.*

**Palavras-chave:** literatura medieval, hagiografia, literatura portuguesa, mística, monaquismo

### Introdução

Que pode sentir o leitor de hoje ou, retomando uma denominação mais técnica, como pode ele interpretar e entender textos em que manifestações emotivas e de valores encontram-se à exaustão expostas mas, de alguma maneira não lhe parecem coincidir com as que sua visão de mundo pode identificar e reconhecer como possíveis e naturais? E se acrescentarmos que tais textos encontram-se distantes desse leitor séculos e séculos, pelo menos no que diz respeito a seus autores e produtores? Naturalmente, para o leigo, abrem-se dois caminhos: uma tentativa de interpretação forçando sentidos hoje atribuíveis a temas e passagens atuais que, no entanto, podem ser completamente inválidos para a real compreensão do texto lido; ou, então, uma declaração de inegibilidade do texto, ou de sua estranheza. Tais atitudes, no entanto, não podem ser usuais para um estudioso de literatura, nem o deveriam ser para o leigo. Qual prazer não há em, ao se ler um texto, buscar, qual arqueólogo, os sentidos possíveis e reconstruíveis, a partir de pistas que o próprio texto – e, por vezes, suas condições de produção - nos dá?

Assim pensando, trazemos aqui alguns poucos excertos de três hagiografias medievais, todas em português, em testemunho datado dos inícios do século XV - trata-se de três textos pertencentes à *Collecção Mística de Frei Hylario da Lourinhã*, que compõe o códice BNL ALC 462<sup>2</sup> (olim BNL ALC CCLXVI; ANTT Livr. 2274). Privilegiamos pequenos fragmentos em que os personagens choram, literalmente, abundantemente. Passemos a eles:

*(...) depois que ella [Pelágia] per elles passou, sse tornou e pôs / sua face sobre seus gíolhos, chorando muitas / lagrimas [bispo Nono], que nom o ssudayro soo, que em suas m/aãos tiinha, mais todos seus pectos erã cheos / de agua.<sup>3</sup>*

*Mais, / conprido do Spiritu Sancto, [bispo Nono] corregíia os (que)<sup>42</sup> eram de corre/ger, predicava e dizíia o dia do juízo e com toda benignidade e speranca confortava os sinplezes / e fracos, e per seos amoestamntos os corações da/queles que o ouvíiam eram edificados entanto que o / pavimento da igreja era molhado da auga das / lagrimas que dos seos olhos saíia.<sup>4</sup>*

*achou [Pelágia] jazer aos pees do sancto bispo / Nono Pelagia com gram planto e doo chorando/<sup>5</sup>*

*E começarõ ambos de chorar co grande alegria que auiã* [Amaro e Leomites, ao se encontrarem pela primeira vez]<sup>6</sup>

*(...) e abraçarõ'sse anbos chorado my fortemente.* [Amaro e Leomites, em situação de despedida]<sup>7</sup>

*Meu senhor e meu amigo Amaro, grande saudade me ora leixades (...) Ay mizquinho, como fico coytado e sem cõselho de meu amigo Amaro e meu senhor ! Ay amigo, que amargosos dias me leixas e que grande tristeza, e quanto solaz e prazer avya todo se me tornou ~egram coyta e pesar ! Ay senhor glorioso e muy alto criador de todallas cousas, porque me deste tam gram prazer pois que mo tã aginha tolheste ! Tu, senhor piadoso, ave merçee de m~i e doe'te destas minhas barbas velhas e caãs. E leva'me deste m~udo mezquinho, que he rryo de amarguras e lago de treevas e valle de lagrymas, fonte de choro e de planto, thesouro de mizquindade ! Val'me, senhor glorioso de gram virtude e de grãde humildade, amãssa'me esta coyta e este desejo que me deste, pois me tolheste meu amigo e meu cõforto que me deste!* [Leomites, depois da partida de Amaro]<sup>8</sup>

(SILVA, 1998, p. 261-288)

[Maria começou] *chorar e firir os peitos cõ / minhas maaos e dar grandes sospiros de co/raçõ e esparger muitas lágrimas...*<sup>9</sup> a

*o santo hom~e* [Zózimas] *fficou os gio-/lhos ~e terra e allevantou ssua voz cõ lágrimas / e disse: - beento es tu Senhor Deos todo poderoso / que demostre a m~i pecador todos os bees que/ tu deste aos que te tem~e ...*<sup>10</sup>

(DIAS e DUARTE, 1982-1983, p. 68-83)

Todos os excertos acima nos remetem a questionar qual o significado possível para essa abundância de lágrimas e quais as circunstâncias que as provocam. Os sentidos contemporâneos do pranto não parecem ser suficientes para dar conta de tudo que podem estar dizendo, ou terem dito, em plena Idade Média, as lágrimas desses textos. Dessa maneira, é preciso procurar uma chave interpretativa para esses textos. E podemos-la encontrar em outras fontes primárias do mesmo período, bem como em estudos sobre a visão de mundo dos autores e atores envolvidos na produção de tais textos. É o que exploramos a seguir, com a doutrina do *Penthos* e do dom de lágrimas medievais.

## 1 A compunção - ou a doutrina do *Penthos* - e o dom de lágrimas

Os textos de que nos valemos aqui para ilustrar a ocorrência do *topos* que pretendemos interpretar são todos hagiografias constituintes de um códice alcobacense, a saber, o BNL ALC 462, datado paleograficamente no século XV (mais precisamente 1416), mas que apresenta, no entanto, um estágio do português e um tratamento dos assuntos que fazem remontar a um século antes, pelo menos. Para poder interpretar esses textos, interessa-nos, portanto, tudo o que diga respeito à produção cultural, teológica e monástica do mesmo período e circunstâncias de produção do BNL ALC 462. Entretanto, levando em conta as características da cultura monástica, que produziu esses textos hagiográficos, bem como o fato de seus autores voltarem-se sempre para as *auctoritates* e a tradição doutrinária cristã mais antiga; e ainda tendo em mente as peculiaridades do legendário do códice BNL ALC 462, que demonstra claro pendor para o Cristianismo das origens e o monaquismo primitivo, oferecendo várias traduções de vidas de personagens desse tempo, buscamos inicialmente possíveis sentidos para as lágrimas a partir da Patrística Oriental. Esta, cujos primeiros expoentes são os chamados Padres do Deserto, criou e cultivou uma doutrina sobre a compunção denominada, em grego, *Penthos*. Essa doutrina constitui um verdadeiro estímulo ao ato das lágrimas; na verdade,

trata-se de algo mais que simples “estímulo”. O *Penthos*, ou doutrina da compunção, é um tema largamente citado e desenvolvido nos tratados de vida ascético-contemplativa, de orientação para a vida prática do cristão, ensinando-o a levar uma vida verdadeiramente cristã, indo ao encontro da salvação de sua alma e união com o Cristo. A principal assertativa do *Penthos* é a necessidade das lágrimas, frisada a um ponto que já no início de confecção da doutrina compunção e lágrimas passam a ser confundidas e tornam-se sinônimos. Entre seus continuadores latinos e vernaculares, o *Penthos* passa a ser denominado de “dom de lágrimas”. Note-se que textos dos autores da Patrística encontravam-se em pleno vigor na Biblioteca de Alcobaça no período correspondente à confecção do códice BNL ALC 462. O *Penthos* é concebido como uma disposição de espírito necessária à ascensão espiritual da alma; sua origem, segundo Irene Hauscherr, até hoje maior estudioso do tema<sup>11</sup>, é bíblica. Está na segunda Beatitude, no Evangelho de S. Mateus, 5, 4: *Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados*<sup>12</sup>, de onde origina-se o termo consagrado pela tradição, *compunção*, que será entendido como remorso profundo experimentado no mais íntimo da alma por ter pecado. Os Padres do Deserto interpretarão essa passagem bíblica observando que o que está em questão, no versículo, é o arrependimento por ter ofendido a Deus, no pecado, distanciando-se do Bem único : Deus. Esse sentimento é expresso através das lágrimas, no texto das Beatitudes. Trata-se portanto de um luto espiritual. A compunção é a dor experimentada diante da eminência da morte da própria alma; é uma dor de arrependimento (pelo já feito) e temor (pelo que poderá suceder). A tristeza do *Penthos* não se identifica com qualquer tristeza – a acedia medieval, por exemplo, é condenada pelos autores do *Penthos*<sup>13</sup>; assim como o sentimento causado pela perda de bens materiais ou quaisquer adversidades mundanas, considerado tristezas vãs. A tristeza segundo Deus é engedrada pelo arrependimento e instala-se a partir da consciência de privação de algo verdadeiramente desejável aos olhos dos cristãos. Ora, a salvação da alma é para o cristão o único bem verdadeiramente desejável; logo, ele deve entristecer-se única e simplesmente por tudo o que se configure como obstáculo para o alcance desse bem : os pecados. Eis a essência do *Penthos* : **trata-se do luto pela salvação perdida, própria ou de outrem**. A compunção – ou o próprio *Penthos* – é a lembrança perpétua de nossos pecados e, ao mesmo tempo, da glória da qual somos exilados por causa deles, tendo, assim, uma dimensão psico-afetiva mais profunda e abrangente que a penitência.

Já o grande doutor da compunção no mundo latino é S. Gregório Magno (540-604). O papa e Doutor da Igreja diferencia dois gêneros de compunção – e de lágrimas : as **lágrimas de temor**, à evocação dos pecados e do Juízo Final; e as **lágrimas de amor**, quando se deseja, com ardente impaciência, o céu e a beatitude celeste<sup>14</sup>. Não apenas a dor, o luto e o temor são geradores e constituem o *Penthos*; mas também a caridade fraterna o inspira, uma vez que se lamenta pelo pecado e pela alma do próximo. Além disso, o amor puro a Deus, a caridade perfeita, também é matriz de lágrimas cristãs. Por conta disso, ao longo da Idade Média, os doutores e monges vão dizer que a compunção é uma graça de Deus, um carisma. Ao mesmo tempo, dirão que as lágrimas – do *Penthos* – constituem um segundo batismo, pois procedem ao apagamento dos pecados e, portanto, à purificação do cristão. Para prová-lo, recorrem a um Salmo de Davi :

*...la larme éteint un brasier de fautes, et lave la saie du péché. David en rend témoignage et montre le pouvoir des larmes, quand il dit : Je laverai chaque nuit mon lit et arroserai ma couverture de mes larmes. (...) Pourquoi donc a-t-il ajouté ce mot : Je laverai ? Pour montrer que les larmes sont un bain et un purgatoire des fautes.*<sup>15</sup>

(Hauscherr, 1944, p. 141-142)

Os tratados espirituais medievais posteriores à época abrangida pela Patrística, produzidos na chamada Idade Média Central, passam a apresentar, muito freqüentemente, tipologias de lágrimas cristãs. Nestas, nós encontramos, sem espanto, a doutrina do *Penthos* retomada dos antigos Padres, algumas vezes com colorações diferentes, particulares da época, do mosteiro, ou do autor do

tratado. Genéviève Hasenohr, em artigo de 1994<sup>16</sup>, apresenta-nos as tipologias de lágrimas mais correntes nos meios monásticos medievais franceses, em especial no período entre o fim do século XIII e começo do XV, que corresponde, aliás, ao período de confecção dos códices portugueses dos *corpora* deste trabalho. Comparando diversos tratados de teologia monástica, Hasenohr distingue uma tipologia básica, comum a todos os tratados. Trata-se de uma tipologia que, por sua vez, refunde as elaboradas por João Cassiano e S. Gregório Magno. Essa tipologia estabelece uma classificação das lágrimas em três espécies :

1. Lágrimas de **contrição diante de si mesmo** : elas advêm da alma daquele que, tendo ofendido a Deus, sofre por seus pecados ;
2. Lágrimas de **compaixão pelo próximo** : elas emanam da alma daquele que vê os pecados e a miséria de seu semelhante, e sofre por ele ;
3. Lágrimas de **devoção a Deus** : elas são a expressão do fervor da alma, que queima na caridade e no desejo de Deus. Estas são consideradas unanimemente um dom de Deus.

O paralelismo com a doutrina do *Penthos* torna-se evidente. Não só lágrimas e compunção estão associadas como são, ambos, no entender da autora, manifestações da Caridade, ou seja, do Amor de Deus. Essa caridade, na Baixa Idade Média, passa a ser imitada do Cristo ; é o próprio Amor de Deus, que se intensifica no desenvolver do *Penthos*, transformando-se em ardente desejo de Deus. Piroška Zombory-Nagy, em seu artigo *Les Larmes du Christ dans l'Exégèse Médiévale*<sup>17</sup>, demonstra como os comentadores bíblicos medievais ensinam que *Jésus a pleuré pour nous apprendre a pleurer*<sup>18</sup> ; e com base nessa máxima classificam as lágrimas a partir das que o Cristo chorou. As explicações a propósito das lágrimas do Cristo servem de manual prático para a *Imitatio Christi*, tão cara às novas ordens monásticas que surgem a partir do século XI – e muito especialmente às Ordens Mendicantes do XIII, com a figura espetacular de S. Francisco de Assis. Nagy extrai das análises medievais das lágrimas crísticas uma tipologia de lágrimas, segundo a qual elas traduzem três sentimentos principais :

1. o **arrependimento** do pecador : ou seja, o sentimento da compunção, dor interiorizada relacionada ao remorso de ter cometido pecados, quando a alma vivencia o sentimento do **temor** de Deus ;
2. a **nostalgia** do cristão da Pátria celeste : o **desejo** das beatitudes e da proximidade de Deus, que complementa o temor ; é um sentimento de desejo e amor de Deus ;
3. o sentimento de **compaixão** por seu próximo, que também encontra-se em pecado e, portanto, na miséria própria da condição humana.

Observe-se que esta tipologia é idêntica à apresentada por G. Hasenohr.

Na Europa do Renascimento do século XII, com a grande expansão do movimento monástico, encontramos muitos autores que inspiraram-se na doutrina do *Penthos* e pregaram a prática das lágrimas, imitadas a partir do exemplo do Cristo: S. Bernardo, Etienne de Tournai, Gunther de Paris, Ludolfo, o cartuxo, S. Catarina de Siena, Adalger, Pedro Damião, Guilherme de Auvergne, Ricardo de Saint-Victor, Thomas de Froidmont, Guigues II, o cartuxo, João de Fecamp, Guilherme de Saint-Thierry, Raimundo Lúlio, Geoffroy de Vendôme, João Ruysbroeck, Aelred de Rievaulx etc., para citar apenas os mais célebres que trataram do tema. São Bernardo de Claraval, por exemplo, distingue geralmente dois gêneros principais de lágrimas : as que se originam do sentimento doloroso da compunção e da prática da penitência pelos pecados cometidos, e as que vêm do desejo experimentado pela beatitude futura, *pão do qual não se deve jejuar*, como dirá em *In capite jejunii* 2,4. Ele denominará as primeiras lágrimas, de **penitência**, como de **temor** ; e, as últimas, como lágrimas de **desejo**, de **devoção** ou de **caridade** – essas, dirá que possuem o sabor do vinho, provocando uma sóbria embriaguês (*In Epiphania* 3,8).

Na biblioteca de Alcobaça, de onde provém as hagiografias que tencionamos interpretar, encontramos vários testemunhos dos séculos XIV-XV com tratados espirituais (obras de S. Gregório Magno, Aelred de Rievaulx, Isaac de Nínive, João Cassiano, entre outros) que ajudam a constituir,

firmar e divulgar a doutrina do *Penthos* patrístico ou o que podemos chamar de doutrina do dom de lágrimas medievais. Com esse fato, temos um argumento que evidencia a operância dessa doutrina dentro da cultura desse mosteiro medieval e, mais ainda, a pertinência da grande possibilidade de operância da mesma nas hagiografias ali produzidas, traduzidas ou copiadas. Resta lembrar que Dom Jean Leclercq, grande estudioso do que se pode chamar teologia monástica, frisa o fato de o objetivo efetivo da vida dos monges era a busca de Deus, o *quaerere Deum*<sup>19</sup>. Para esse autor, essa doutrina inspirou-se, e muito, em S. Gregório Magno, para quem a experiência cristã consiste em uma dialética de presença e ausência, posse e não-posse, certeza e incerteza, pois o homem deseja a beatitude celeste, esperando-a; entretanto, a posse efetiva da beatitude não pode dar-se em vida. O desejo, então, segundo Leclercq, é uma antecipação real da beatitude, consistindo na contemplação e é, por isso, dom de Deus. As lágrimas, para ele, são expressão do desejo do céu; o papel da compunção é introduzir na alma a nostalgia do céu. Para esse autor, a nostalgia e o desejo do céu, que ele denomina “devoção ao céu”, é o traço característico da atmosfera espiritual da cultura monástica medieval.

Creio que neste ponto podemos voltar aos textos citados no início deste artigo, em que víamos lágrimas abundantes, para agora, dotados de instrumental doutrinário sobre o ambiente em que tais textos foram produzidos e circularam, possamos melhor “enxergá-los”.

## **2 Lágrimas de temor, desejo e amor?**

Nos excertos retirados de Duarte, da *Vida de Santa Pelágia*, podemos ver claramente que temos lágrimas de compunção – de temor – e de amor: primeiramente, o bispo Nono verte lágrimas ao ver passar Pelágia, que ainda é uma pecadora, mas o bispo antevê sua santidade, e verte lágrimas perante a representação da beatitude que ela – a santa – constitui. A seguir, temos dois outros excertos dessa *Vida*, um em que temos o bispo convertendo fiéis e, como primeira etapa dessa conversão, temos a purificação dos mesmos, através da compunção e das lágrimas vertidas por seus pecados. Da mesma forma, no último excerto dessa *Vida*, temos Pelágia suplicando ao bispo para se confessar, demonstrando, através de suas lágrimas, toda sua compunção ou luto pelos pecados anteriormente cometidos.

No segundo grupo de excertos, retirados de Silva, do *Conto de Amaro*, foram recortados situações de encontro e separação. Temos ali dois homens, de vida santa – Amaro e Leomites – que se encontram e, ao vislumbrarem a santidade um do outro, vão às lágrimas. Da mesma maneira, ao serem privados da presença um do outro, choram pela ausência da representação da beatitude que tinham no outro, revivificando a dialética de presença e ausência observada por Leclercq. Note-se que o texto chega a explicitar esse movimento de desejo e não-posse efetiva do céu, de Deus ou do que o representa: *porque me deste tam gram prazer pois que mo tã aginha tolheste (...) amãssa'me esta coyta e este desejo que me deste, pois me tolheste meu amigo e meu cõforto que me deste !*

Por fim, nos trechos da *Vida de Santa Maria Egipcíaca*, editado por Dias e Duarte, temos novamente exemplos das duas compunções: de temor e amor, sendo o desejo da beatitude mais forte, em nossa interpretação. No primeiro excerto citado, Maria, ainda pecadora, vai em viagem com um grupo a Jerusalém e, estando diante das portas de uma igreja cristã, quer entrar para contemplar a cruz de Cristo. Porém, não consegue, pois forças maiores a puxavam para fora. A então pecadora verte lágrimas e fere seus peitos, compungindo-se pelos seus pecados e, ao mesmo tempo, ardendo de desejo de contemplar a cruz, tão próxima de si. Mas adiante, temos Zózimo, monge que parte para o deserto, na perfeita imitação dos primeiros padres, e encontra Maria Egipcíaca, já agora ermitã, afastada do mundo e dedicada exclusivamente à busca da contemplação. O monge roga-lhe que narre sua vida e, tendo ouvido seu relato, verte lágrimas por ter-lhe sido dada tal beatitude, a visão e a narração da santa, antecipações das beatitudes celestes.

Faço notar aqui que ativemo-nos a alguns poucos exemplos dos prantos que ocorrem nesses textos por bem da economia deste artigo, mas pretendemos demonstrar, além da interpretação possível para as lágrimas, o quão uma chave interpretativa ou de leitura faz-se necessária para um entendimento mínimo do texto literário. Deixo para o leitor a curiosidade de conferir, nesses, bem como em outros textos medievais espirituais, a presença das lágrimas, e o julgamento da pertinência da hipótese de interpretação aqui descrita.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] DUARTE, Luiz F. (ed.). “Vida de Santa Pelágia”, in: *Revista Lusitana*, N. S., 4, Lisboa, 1982-1983, p. 20-29.
- [2] SILVA, Elsa M. Branco da. “*Conto de Amaro* – Edição de texto em português medieval e introdução”. In: Nascimento, A. A. *Navegação de S. Brandão nas fontes portuguesas medievais*. Lisboa: Colibri, 1998; p. 261-281.
- [3] DIAS, Maria da Conceição M. e DUARTE, Clara Maria T. (ed). “Vida de Santa Maria Egípcíaca”. In: *Revista Lusitana*, N. S., 4, Lisboa, 1982-1983, p. 68-83.
- [4] HAUSCHERR, Irénée, S.I. *Penthos – La doctrine de la componction dans l’Orient Chrétien*. Roma: Pont. Institutum Orientalium Studiorum, 1944.
- [5] ADNES, Pierre. “Larmes”, In: *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique, Doctrine et Histoire*. Paris: Beauchesne, t. IX, 1976.
- [6] CLEMENT, Olivier; BOBRINSKOY, B.; BEHR-SIGEL, E.; LOT-BORODINE, M. *La Douleuse Joie*. Brégonles-en-Mauge: Abbaye de Bellefontaine, 1993.
- [7] HASENOHR, G. “Typologie des larmes dans la littérature de spiritualité française des XIII-XV siècles”. In : *Le Rire, le Sourire... les Larmes – Actes du Colloque International. Université McGill*. Montréal, 3-4 Oct. 1994 ; Ceres, 1997, p. 45-63.
- [8] NAGY, Piroška. *Le don de larmes au Moyen Age*. Paris: Albin Michel, 2000.
- [9] *BÍBLIA Sagrada*. 41ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1982.
- [10] ZOMBORY-NAGY, Piroška, “Les Larmes du Christ dans l’Exégèse Médiévale”. In : *Médiévales*, 27, automne 1994, p. 37-49.
- [11] LECLERCQ, Jean, dom. *L’Amour des lettres et le désir de Dieu – Initiation aux auteurs monastiques du Moyen Age*. 3e. éd. Paris: Cerf, 1990.

---

## **Autor**

### <sup>1</sup> **Teresa CANDOLO, Profa. Dra.**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) / Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEE)  
Pesquisadora colaboradora voluntária da Cátedra UNESCO Multilingüismo e Produção de Conteúdo em  
Língua Local no Mundo Digital / Professora efetiva de Ensino Fundamental e Médio.  
[tcandolo@yahoo.com](mailto:tcandolo@yahoo.com)

<sup>2</sup> Pertencente à Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL), Fundo Alcobacense (ALC).

<sup>3</sup> *Vida de Santa Pelágia*. Ed. de Luiz F. Duarte, in *Revista Lusitana*, N. S., 4, Lisboa, 1982-1983, p. 20-29.

<sup>42</sup> (que)] *entrel. por outra mão*.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 25.

---

<sup>6</sup> Silva, Elsa M. Branco da. *Conto de Amaro* – Edição de texto em português medieval e introdução. In: Nascimento, A. A. *Navegação de S. Brandão nas fontes portuguesas medievais*. Lisboa: Colibri, 1998; p. 261-281.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 271.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 271-272.

<sup>9</sup> *Vida de Santa Maria Egípcíaca*. Ed. de Dias, Maria da Conceição M. e Duarte, Clara Maria T., in *Revista Lusitana*, N. S., 4, Lisboa, 1982-1983, p. 68-83.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>11</sup> Hauscherr, Irénée, S.I. *Penthos – La doctrine de la componction dans l'Orient Chrétien*. Roma: Pont. Institutum Orientalium Studiorum, 1944. Essa obra constituía, até pouco tempo atrás, o estudo mais completo do assunto, juntamente com o verbete de Pierre Adnes, “Larmes”, do *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique, Doctrine et Histoire*. Paris: Beauchesne, t. IX, 1976. Além desses dois clássicos, Olivier Clement; B. Bobrinskoy; E. Behr-Sigel e M. Lot-Borodine fizeram, em *La Douleuse Joie*. Brégonles-en-Mauge: Abbaye de Bellefontaine, 1993, uma releitura do tema que, entretanto, nada mais é que uma versão em linguagem mais popular e devota das idéias expostas por Hauscherr. Mais recentemente, os artigos de G. Hasenohr e P. Zombory-Nagy, citados mais adiante, localizam a compunção e as lágrimas em textos franceses da Idade Média Central. Na segunda metade de 2000, vem a público o estudo mais abrangente e atual sobre o dom de lágrimas, efetuado por Piroška Nagy: *Le don de larmes au Moyen Age*. Paris: Albin Michel, 2000. A autora estuda o fenômeno a partir de sua origem, na Patrística, passando por todo seu trajeto medieval, até chegar ao século XIII. Piroška Nagy faz um retrato histórico completo do que ela designa dom de lágrimas – que equivale ao que chamaremos aqui de *Penthos*, compunção e, também, dom de lágrimas – na espiritualidade cristã de toda a Idade Média Ocidental. Nagy marca o apogeu das lágrimas nos séculos XI e XII, com o movimento eremítico e a reforma monástica propalada, especialmente, por Cister: fato que vem de encontro com nossa localização da abundância de lágrimas nos escritos cistercienses dos *corpora*. Nagy termina sua pesquisa apontando para as duas correntes divergentes a respeito das lágrimas, no século XIII. De um lado, ela mostra o sucesso e a continuidade do dom de lágrimas nos meios devocionais, mais propriamente monásticos, que cultivam a devoção intensa à Paixão e à humanidade do Cristo – apesar da obnubilação que as lágrimas sofrem mediante o aparecimento dos estigmas. De outro lado, ela constata um esquecimento e achatamento do conceito nos meios escolásticos, em privilégio de um saber mais naturalista.

<sup>12</sup> *Bíblia Sagrada*. 41<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ave Maria, 1982.

<sup>13</sup> Evágrio, o Pôntico (séc. IV) dirá que a acedia seca as lágrimas: *L'esprit d'acédie chasse les larmes; l'esprit de tristesse détruit l'oraison. Ad Monachos*, 56 *apud* Hauscherr, *op. cit.*, p. 11-12; ou [l'acédie] *amollit et affaiblit l'âme, l'annihile même à force d'amertume, en dévorant sa vigueur. Antirrhétique*, Acédie, 38 *apud* Hauscherr, p. 12.

<sup>14</sup> Essa distinção entre as duas compunções ou dois tipos de lágrimas encontra-se nos *Diálogos de S. Gregório*, L. III, 34.

<sup>15</sup> João Crisóstomo, *De Paenit.*, hom. 7, n. 5, *apud* Hauscherr, *op. cit.*, p. 141-142; grifo meu.

<sup>16</sup> Hasenohr, G. Typologie des larmes dans la littérature de spiritualité française des XIII-XV siècles. In : *Le Rire, le Sourire... les Larmes – Actes du Colloque International*. Université McGill, Montréal, 3-4 Oct. 1994 ; Ceres, 1997, p. 45-63.

<sup>17</sup> Zombory-Nagy, Piroška, in : *Médiévales*, 27, automne 1994, p. 37-49.

<sup>18</sup> Zombory-Nagy, Piroška, *op. cit.*, p. 43.

<sup>19</sup> Leclercq, Jean, dom. *L'Amour des lettres et le désir de Dieu – Initiation aux auteurs monastiques du Moyen Age*. 3e. éd. Paris: Cerf, 1990.